

AS DISSIDÊNCIAS DO CERRADO – O TEATRO PARA ADOLESCENTES E POR ADOLESCENTES NO INTERIOR DE MATO GROSSO

Wanderson Lana¹

Uma ligação no meio da tarde, em uma terça-feira, trazia uma voz trêmula, pesarosa e incrivelmente triste. Tratava-se de uma atriz, 16 anos, que disse sem vacilar: “Professor, eu quero morrer, eu não sirvo para nada mesmo”. A ligação estendeu-se por meio de elogios e de como havia tanto a ser vivido ainda... Sobre dias longos e difíceis e sobre não ter problema em falhar, em perder, em não conseguir. Palavras de aconchego e de incentivo.

Foi em 15 de dezembro de 2015 que vários adolescentes da Escola Municipal de Teatro e seu método Escola de Teatro Faces foram convidados para aprofundarem seus estudos nas artes da cena. Tinham entre 14 e 17 anos, porém o mais incrível é que faziam teatro há no mínimo cinco anos. Mesmo muito jovens eram experientes em festivais, turnês de apresentações municipais e estaduais. Esta é uma das características do Cerrado de Primavera do Leste – Mato Grosso (MT): começa-se a prática do teatro ainda na fase de alfabetização, pensando a manutenção da prática, a construção de espetáculos, as discussões pedagógicas, o fortalecimento de emprego e a renda no teatro e no mercado consumidor.

Quando esses adolescentes começaram seus ensaios comigo, tive muitas dificuldades em entender o tempo presente e como contribuir para que as potências que traziam e as discussões que lhes eram sensíveis vertesse em terreno fértil para a criação.

Eles tinham uma necessidade enorme de estar sempre todos em cena. Sentiam-se protegidos. A ideia de grupo para eles era estar sempre equilibrado em cena com todos ao mesmo instante. Decidimos beber da dança e trabalhar o teatro físico. Criávamos coreografias juntos, com cada um contribuindo com movimentos que eram de seu cotidiano, misturados com suas subjetividades. Assim, fomos atravessados pelo esporte,

¹ Wanderson Alex Moreira de Lana é ator, diretor de teatro e cinema, escritor e dramaturgo. Graduado em Licenciatura em História, Especialista em História da América Latina Contemporânea, Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea e Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea. Diretor artístico do Grupo Teatro Faces, Faces Jovem e Grupo Primitivos. Idealizador de projetos como: Escola Municipal de Teatro, Cinema no Mato e Festival Velha Joana.

pela dança de rua, pelo balé, pela relação que cada um mantinha com sua maneira de se vestir, com a flora, a fauna do cerrado... No final, construímos “Quando você chorava lendo o Pequeno Príncipe”, que falava sobre a morte, sobre um amigo que não teve mais tempo, mesmo querendo muito viver. Abrimos discussões sobre suas dores, sobre o ambiente escolar, onde passavam grande parte de seus dias e onde passamos grande parte de nossa vida.

Aquela ligação que me assustou há um tempo, tornou-se uma possibilidade de conversar com adolescentes que se sentiam tristes na escola, que odiavam seus corpos dissidentes: na cor, no cabelo, no peso, no amor. *A gente cabe, mas esquece...* é um grito de ajuda e um acalento para quem começa a se sentir perdido em um lugar que deveria se sentir protegido.

Circularam por escolas da cidade, do estado... caminharam até o Sul do país. Mostraram corpos “tortos” dançando a música em seus ritmos, convidando tantos outros corpos adolescentes a dançarem. O Grupo Primitivos trabalhou, assim, o conceito de Dramaturgia Mestiça, tese que defendi recentemente e que se utiliza do lugar para se fortalecer em uma luta contra a Colonialidade. Assim,

[...] ao percebermos uma ferida causada pela colonização que, mesmo depois de tantos séculos insiste em permanecer e definir os caminhos dos nossos corpos, nos mostra que quanto mais dissidente, dissonante, quanto mais preto, quanto mais feminino, mais perceptível serão os ataques e as tentativas de silenciamento e manutenção da colonialidade. (LANA, 2021, p. 86).

Dessa forma, o Cerrado Primaverense vem se fortalecendo ano após ano, principalmente porque é cada vez mais clara a necessidade de lutarmos contra as amarras da colonialidade, com esse conceito de que estados distantes do Sul e do Sudeste devam se comportar apenas como receptores universais. É preciso abraçarmos esses corpos ainda na adolescência e entendermos o que desejam dizer, não apenas para se salvarem, mas para ajudar seu colega de escola, alguém que possa estar passando pela mesma situação trazida no espetáculo.

O Projeto da Escola Municipal continua formando mais e mais jovens e o Grupo Primitivos se profissionalizou, com vários jovens estagiando em escolas de teatro e pensando seus próprios grupos em vários lugares espalhados na cidade. Aquela adolescente que me ligou, sentindo-se incapaz de qualquer coisa, inclusive de manter a própria vida, hoje me liga perguntando se estou bem e se bebi uma boa quantidade de

água. Falar e lutar contra o que a machucava, por meio do teatro, deu um sentido diferente à sua existência. Ela agora ama seu corpo dissidente e quer ajudar que todos os corpos se vejam com o amor.

Como diz Silviano Santiago (2000, p. 150), sobre as discussões contra a colonialidade: “Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra”. Continuamos, assim, produzindo, escrevendo, falando e lutando. Não temos nenhuma certeza de vitória, mas há paz em lutar por uma adolescência mais agregadora e afetiva e, por conseguinte, por um mundo melhor.

Referências

LANA, Wanderson Alex Moreira de. **BOÉ e concreto CONTRA-FLECHA: o cerrado e a floresta na construção de uma dramaturgia mestiça**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2000.